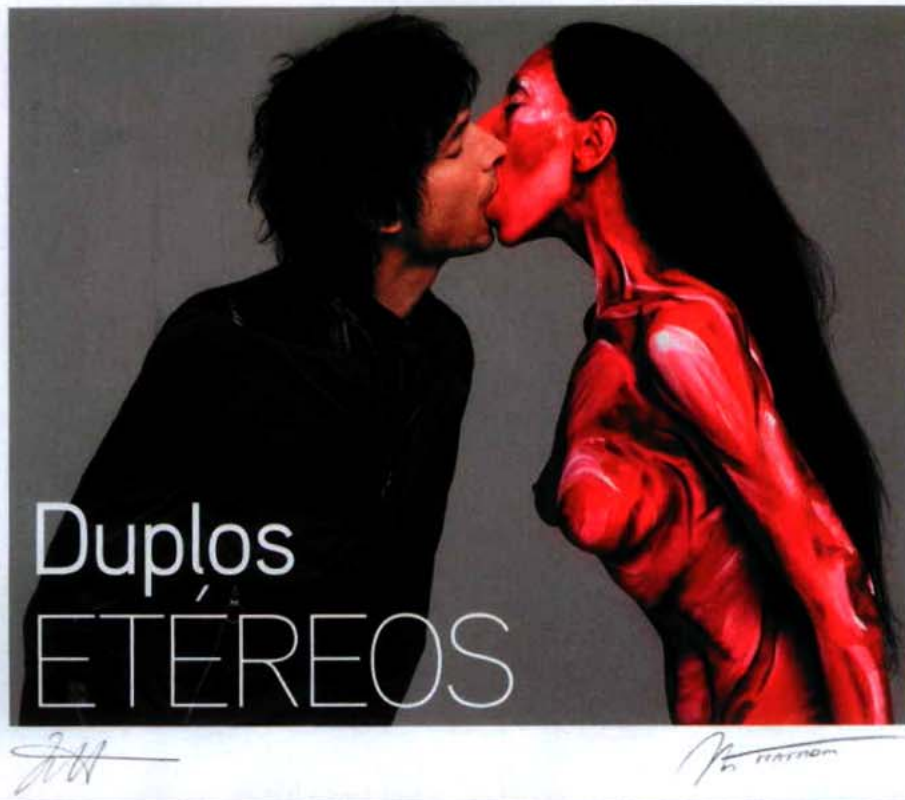


## ZAPPING fotografia



Moda e arte cruzam-se nas imagens de Inez Lamsweerde e Vinoodh Matadin. *Me Kissing* Vinoodh (Etern) campanha Lan Homme 2010, à esquerda. Em cima, Lady Gaga na V Magazine 2011. Ao lado, *Pretty Much Everything* da Taschen.

Inseparáveis, Inez e Vinoodh encontraram-se em 1986 e assinam, desde então, as fotografias a quatro mãos. Retratos, campanhas, moda ou arte, a dupla questiona conceitos de beleza, *glamour* e identidade. Acabam de lançar o livro *Pretty Much Everything*. Por Nathalie Dray.

Uma vez que pertence ao reino do ego, sendo um apanágio da subjetividade e uma expressão daquilo que o indivíduo tem de mais íntimo, a energia criativa conjuga-se geralmente no singular. Raros são os artistas que escolhem unir o seu universo para trabalhar a dois. Quando o fazem, é frequentemente no mundo reflexivo, sendo um o espelho do outro. No meio da arte contemporânea, as duplas parecem cultivar uma relação complicada, quase gemelar, jogando com a aparência física, Jake e Dinos Chapman, os fotógrafos franceses Pierre e Giles... Alguns até levam o mimetismo ao extremo, chegando a vestir-se de igual ou a reproduzirem a mesma gestualidade, como os britânicos Gilbert e George, que querem ser "esculturas vivas" e clones indistintos.

Embora, por vezes, formem um duo glamouroso e unido que, passados 25 anos, oferece o espetáculo florescente de uma colaboração frutuosa no cruzamento entre a Moda e as artes multimédia, Inez Van Lamsweerde e Vinoodh Matadin, os fotógrafos mais falados do momento, não se incluem de forma alguma nessa *démarche*. Não é o mimetismo nem a identificação que parece cimentar o

casal, mas um ingrediente simples: o amor. É, sem dúvida, por esta razão que emana magia das suas imagens estranhas e sumptuosas, reunidas num livro magistral e bastante esperado, *Pretty Much Everything*, publicado pela Taschen, que parece resistir a todas as formas de explicação racional. Se é a fusão que faz estes dois funcionar, não é de admirar que a perplexidade que nos inspiram não seja explicável, mas podemos, ainda assim, tentar fazer-lhes a pergunta... Encontramo-los num grande estúdio de Paris, onde maquilhadores e *stylists* estão de roda dos manequins que a dupla se prepara para fotografar. Um homem de aspeto juvenil, silhueta longa e andar contraído, sorriso aberto sobre uma pele mate e cabelo castanho selvagem, recebe-nos calorosamente, enquanto Inez trata dos últimos pormenores antes da sessão. *Café? Café*. Agora que acaba de festejar as suas cinquenta primaveras, Vinoodh guardou da adolescência uma graciosidade reservada, que só deixa quando Inez se junta a nós. Elegante e esguia, com uma longa cabeleira aparentemente desenhada a grafite, os olhos claros e o magnetismo de um gato, ela é evidentemente mais faladora, mas, ao longo da conversa, procura

qualquer coisa no olhar do seu companheiro. Como se as suas palavras não fizessem sentido sem a sua cumplicidade tácita e indefetível.

Uma cumplicidade que dura desde 1986, data em que se conheceram, na Academia de Moda de Amesterdão, a sua terra natal. Vinoodh, que passara a sua infância a manipular pedaços de tecido que o seu pai, costureiro de profissão, lhe dava para brincar quando já não tinha uso para eles, queria, originalmente, ser criador. Com um diploma de Design de Moda no bolso, lança, em 1986, a sua própria linha de roupa, chamada Lawina. Para dar a conhecer a sua marca e distinguir-se dos demais, quis desenvolver uma colaboração estreita com um fotógrafo. "As roupas", diz Vinoodh, "tinham, para mim, tanta importância como a forma de as pormos em cena numa imagem." Vinoodh já reparara nos trabalhos de Inez durante o ano. Aquela jovem ligeiramente rebelde, que completara os estudos com um mestrado em Fotografia na Gerrit Rietveld Academie, tinha já um estilo bem definido. Uma mistura de hiper-realismo, onirismo difuso e uma estranheza inquietante. Impressionado pela amplitude da sua visão artística, Vinoodh decide então abandonar o

## ZAPPING fotografia

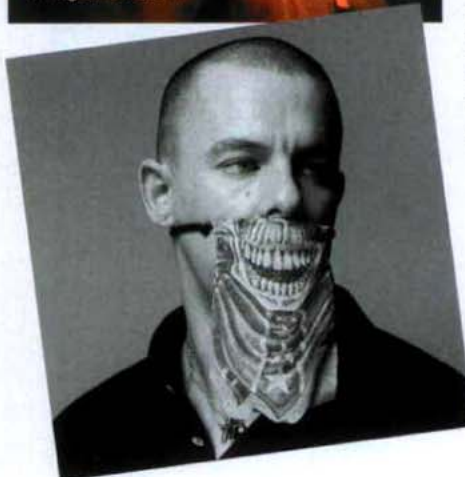
estilismo para se dedicar, com ela, à fotografia. “Sentiamo-nos completamente sintonizados”, explica Inez, “tanto na perspetiva das ideias, como das influências, o que nos nutria, o que nos atravessara...” Convidados para o PS1 Institute of Contemporary Art, de Nova Iorque, em 1992, os jovens artistas que, ao fim de alguns anos, acabaram por aperceber-se de que estavam apaixonados, envolver-se-iam numa fecunda colaboração, alimentada por experiências inéditas à base de manipulações digitais, que viriam a tornar-se na sua imagem de marca. Isso resultou numa série, intitulada *Thank You, Thighmaster*, de nus de mulheres retocadas com uma paleta gráfica cujos atributos sexuais foram apagados. Imagens perturbadoras em que os corpos, em poses quase instáveis, parecem herméticos, nada pode neles entrar ou deles sair. Uma estética um pouco irreal que anunciava já as questões que perpassam em toda a obra fotográfica do casal, o questionar das identidades sexuais, a abolição do tempo e a recusa da decomposição inerente dos corpos. Seguir-se-ia outro, como *The Forest*, corpos masculinos nos quais foram enxertadas mãos de mulher, que questionava as noções de género e identidade.

Paralelamente a estas atividades artísticas, Inez e Vinoodh nunca deixaram de interessar-se por Moda. Uma colaboração com Véronique Leroy, para a revista *The Face*, propulsiona-os para este universo cintilante, onde, muito rapidamente, as suas fotografias de estética congelada, mas estranhamente nostálgica, intemporal, e com um estilo singular que revoluciona os códigos do género ao reivindicar o aspeto artificial das imagens, criam unanimidade. “Nós não reconhecemos uma hierarquia entre a fotografia de arte ou de Moda”, especifica Inez. “O que muda é o contexto, os formatos em que nos exprimimos e que determinam o nosso trabalho. Para nós, é apaixonante fazermos parte do sistema para podermos subvertê-lo a partir de dentro, ampliar a fotografia de Moda enquanto interrogamos os conceitos que ela veicula, as noções de beleza, de *glamour*... Uma fotografia, seja de arte, de Moda ou um retrato, é sempre uma projeção daquilo que queríamos ser, uma investigação íntima e desde as nossas primeiras incursões no mundo da Moda que tentamos manter esta tensão entre a aparência e a interioridade nas nossas imagens.”

Agora, eles multiplicam as sessões fotográficas para grandes títulos norte-americanos e europeus, como a *Vogue*, a *W*, a *Harper's Bazaar* e a *Vanity Fair*, e são procurados pelas



*The Widow (White)*  
1997, em cima. Ao lado,  
campanha Balmain,  
2009 e, em baixo,  
retrato de Alexander  
McQueen para a  
V Magazine, 2004.



Não procuravam captar apenas o real quando tiravam fotografias, praticamente como documentários, como acontecia na maioria das vezes na década de 90, mas construíam imagens de pleno direito, utilizando todos os recursos possíveis oferecidos pelo digital e pelos retoques em computador. Chegaram à fotografia com uma nova linguagem.”

Esta obra plena, descrevendo idas e voltas entre a arte e a Moda e a Moda e a arte, passando pelos retratos de personalidades, atrizes, estrelas de *rock*, como Björk, Anthony, foi, no ano passado, objeto de uma importante retrospectiva no FOAM de Amesterdão, que, com a sua conceção dinâmica, prefigurou a publicação, este mês, de um livro ambicioso, *Pretty Much Everything*, reunindo, em dois volumes monumentais, o essencial do seu trabalho. “Quando fiquei grávida do meu filho, há nove anos, Karl Lagerfeld sugeriu-me que arranjasse um projeto ao qual dedicar-me durante esse período. Foi então que tivemos a ideia deste livro, mas a sua conceção prolongou-se muito para além do tempo da gravidez”, solta Inez, com um riso. “Para nós, é uma obra de pleno direito, que nós construímos sem seguirmos uma narração cronológica, que, para nós, seria demasiado entediante. Aqui, as fotografias são apresentadas a dois e parecem responder-se mutuamente. É um pouco como uma frase longa e ininterrupta, em que cada imagem tem o direito à palavra. Para os textos, contidos num pequeno volume anexo, pedimos a cola-

Não é o mimetismo  
nem a identificação  
que parece cimentar  
o casal de fotógrafos,  
mas um ingrediente  
simples: o amor.

grandes casas de Moda para realizarem as suas campanhas publicitárias. Yamamoto, Balmain, Yves Saint Laurent e, sobretudo, Balenciaga, para a qual assinam uma das suas mais belas colaborações com a dupla de artistas gráficos, seus amigos, M/M Paris. Os rostos nos quais foram enxertados desenhos formam comoventes arabescos, sólidos e ágeis como uma caligrafia com tinta da China. “Naquela altura”, recorda Mathias Augustyniak, uma das duas mentes da M/M, “Inez e Vinoodh eram os únicos a apreender a fotografia de Moda de uma maneira diferente.

boração de vários críticos de arte, como Michael Bracewell ou Glenn O'Brien. E a M/M Paris assegurou a maquete.”

Imagens que dialogam entre si... Não podemos deixar de vê-las como uma alegoria deste casal inseparável. “Nós achamos que é uma sorte imensa podermos trabalhar em tal osmose e confiança”, acrescentam eles, quase em coro. “Nesta profissão, em que temos de viajar bastante, a solidão pode ser difícil e nós sabemos que, para lá da harmonia artística, da ligação perfeita que existe entre nós, somos também e acima de tudo o apoio do outro.” ■